

Nova América das Esperanças

Capítulo I

Me chamem Yosef. Há alguns anos atrás, com pouco dinheiro no bolso e nada que me interessasse nos campos, pensei em seguir viagem pela costa e conhecer a vastidão do novo mundo. Esta é uma boa forma de aliviar o estresse e melhorar a circulação do sangue.

Apesar de ser natural das antigas terras estéreis do velho continente, cresci e fui moldado dentro do sentimento de colonização e descobrimento da Nova América das Esperanças. Expedições, novas espécies e sítios surgindo em meio à selva intocada sempre foram notícias corriqueiras na região. Amadurecer perante este ânimo municiaria qualquer jovem de motivações para moldar o mundo a sua própria maneira.

Em tempos mais antigos, mesmo que não consiga conceber em detalhes as nuances dos problemas ocasionados por um desastre de tamanha magnitude, o pós-guerra foi mais que suficiente para expulsar meus pais do conforto de uma infraestrutura bem estabelecida e se lançarem ao mar em direção a terras desconhecidas. Sendo suas maiores expectativas arar campos e revirar estrume, afirmavam durante reuniões com sorrisos de orelha a orelha.

Após a chegada, a vida campestre do novo continente negou aos imigrantes certas facilidades às quais a velha geração nasceu e se acostumou. Sal equivalia a ouro em certas localidades, mercearias possuíam uma variedade pífia e pagar por diversão nunca foi tão difícil. Os que não se converteram ao chegar, provavelmente encararam uma enorme abstinência, principalmente se tratando de álcool. Porém, para a maioria dos recém-chegados, incluindo meus pais, bastava sair e sentir um pouco deste inusitado clima tropical de tempos novos para aplacar um pouco do tédio.

Saindo do porto, meus pais se dirigiram à fazenda de Santa Cruz das Almas dos Enforcados junto a um carregamento vivo, vindo do velho continente. Três das cinco famílias residentes, contando conosco, chegaram pálidas e atordoadas da maresia para negociar uma vida nova com o Barão Enrico. A vila não passava de quatro casas, até então abandonadas, e uma igreja construída fora da congregação, à qual já não residia mais nenhum padre. Seguindo quilômetros dentro da costa em meio ao vale, onde as chuvas matinais enjoam o barro vermelho até se tornar cola, toda alvorada é azul e o entardecer é opaco; esta era nossa nova terra.

Este carregamento o qual dividimos a carroça durante este momento tão sensível, não era um simplório espécie bovino ou coisa do tipo, mas sim um lucrativo marco para o Barão de nossa vila e para toda a Nova América. Esta

espécie letárgica encontrada por exploradores suicidas no epicentro da primeira grande guerra, era capaz de viver exclusivamente do sol, mas quando havia acesso a calorias mais palpáveis, andavam e procriavam como qualquer outro animal. E principalmente, produziam em seu sangue uma substância cuja promessa era resolver todos os maus do mundo.

Todos os trabalhadores naquela fazenda também receberam a promessa de um futuro barato e a oportunidade de estar na linha de frente desta tecnologia tão inovadora, que até então, era inacessível para nós, desafortunados da Velha América. Lembro de frequentemente ver meu pai chegando da barraca de ferramentas ao término do expediente, trajado em couro, exibindo orgulhosamente algum novo pequeno e simplório uso do chamado “prodítio” extraído das criaturas da fazenda.

— Olha aqui amor! Dá uma olhada na cor do fogo desse isqueiro.

— Tira isso de perto do meu rosto, cacete! Você o testou antes de trazê-lo para dentro de casa!? – diz a mãe assustada afastando o rosto para longe da bugiganga.

— Claro que sim, Paola... alguma coisa que eu montei já deu errado? — responde quase cedendo as risadas.

— Desde que você descobriu que este maldito negócio pega fogo, não tenho paz nesta casa! Você não cansa de gastar nossas economias nisso?!

Lembro de fazer este mesmo isqueiro a muitos anos atrás e descobrir o temor de minha mãe, mesmo sentindo as mãos como brasa e parcialmente sem sobancelhas, o fiz funcionar seguindo as instruções anotadas de meu pai. O orgulho por trás do sermão fundamentado de minha mãe e as risadas do Lazio, o encarregado do galpão, enquanto tentava amenizar as restrições impostas em mim como castigo, foram um dos momentos que marcaram ainda mais fundo o interesse por construir coisas novas em minha alma.

Dentro da minha psique juvenil, moldar ferro, couro e madeira soava como um milagre infindável, que levaria a humanidade até o lado de Deus e apertaria sua mão com um sorriso presunçoso. Com o ânimo da juventude, segui os passos do meu pai e aprendi a retificar estes novos mecanismos, soldar circuitos e encaixar engrenagens. Do mesmo modo que posteriormente, aprendi a beber o destilado da fazenda sem deixar escapar trejeitos.

Hoje, olhando para trás, criar uma criança em uma fazenda de prodítio tem suas vantagens. Ao amanhecer, comia apenas o que minha mãe conseguia me convencer e corria em meio a manhã escura para o cocho dos erelins, onde brincava com os animais mais novos até o almoço. Meus pais com certeza pouparam muita energia, já que naquela época, aqueles fabricas de músculos que eram os erelins se cansavam antes de mim.

Sempre detestei a comida da minha mãe, então, sempre que conseguia escapar, comia na mesa dos cuidadores da fazenda. Por não haver muitas crianças na fazenda eu os seguia para cima e para baixo nos campos abertos,

e assim, eles me moldaram e me induziram as minhas más condutas de hoje. Claro que meu pai também estava envolvido e, certamente, foi a pior influência entre eles.

Em minha adolescência continuei brincando com os erelins, e talvez por falta de uma garota da minha idade, acabei me interessando mais no trabalho de meu pai. Claro que não falo sobre os cuidados com o gado de prodítio, mas sim a venda de bugigangas que ele confeccionava após o expediente. Mesmo tomando horas de sua noite, seu semblante era sempre de entusiasmo, sinto que se fosse outra pessoa o fazendo, não teria me empenhado em aprender mais.

Ajudei meu pai durante seus últimos anos, e como tudo na vida tem um fim, as engrenagens perderam o brilho e o ânimo da juventude foi substituído por uma rotina letárgica e confortável. Nesta época comecei a trabalhar na lavoura pela falta de pessoal e principalmente pelo pagamento, mas por ausência de aptidão e pouca tenacidade para acompanhar os longos períodos impostos pela mãe natureza, acabei parando na pecuária erelin da fazenda no cargo de meu pai.

Questões importantes como plantar e criar como porcos o mesmo ser, ou estados contemplativos sobre a natureza harmoniosa da colmeia erelin sumiram após o abate do meu primeiro operário. Estes pensamentos foram substituídos rapidamente por um torpor, que impedia minha mente de aprofundar no assunto, mesmo que de maneiras mais rasa. Sendo sincero, nunca me importei em medir o valor da vida deles, por algum motivo, talvez divino ou não, nós os criamos para sobreviver e não o contrário.

Apesar dos calos em minha mente, a impressão que um destes cinzentos causa ao morrer sempre será impactante. Erelins raciocinam como nós, ou quase, por assim dizer... não fazem contas matemáticas, mas barganham a própria vida quando a morte se aproxima. Choram e por alguns simples barulhos, contam todas as experiências que tiveram ao seu lado. Talvez fosse menos exaustivo aos pensamentos se seus gritos não soassem tão estridentes.

Mesmo incomodado em ser obrigado a cultivar sentimentos pelos operários em prol da qualidade do produto final, nunca vou compreender a dor de sua rainha. Quando uma erelin fêmea, a mãe de toda a nossa criação, pensa sobre a morte de seus operários, seja escutando seu grito, vendo seu corpo ou sentindo o cheiro de seu sangue, ela come toda a pequena produção e entra em um estado de profundo luto, soltando pequenos grunhidos de tristeza em sua toca. Permanece neste estado por um pouco mais de uma semana, sem sair, sem botar ao mundo um novo operário ou mesmo enterrar um dos felizardos sem destino que brotam a geleia real.

Então, neste dilema de evitar maiores tragedias, levávamos os operários mais velhos até o topo da montanha para limpá-los. Após a minha primeira leva, construí seguindo os passos de meu pai um casebre com uma acústica

mais refinada, feito do prodíto pobre extraído dos próprios operários, e claro, muita massa e trabalho braçal. Não o fiz por amor como quando era criança e muito menos para cair nas graças do Barão, mas para evitar os longos turnos desta época atípica.

— Caso nossa produção não seja devorada por um ataque de pânico, Enrico, aceito meu bônus em espécie— Diz Yosef misturando o prodíto ao cimento com um sorriso presunçoso.

— Claro que sim, filho de peixe, peixinho é Yosef, a preguiça agraciou você assim como agraciava seu pai, Santis — responde o patrão com leves risos — O seu pagamento será o descanso aos pés.

— Melhor que o descanso, gostaria de ter uma motocicleta um dia... E como sei que o senhor gosta muito de mim... tenho certeza que vai me retribuir adequadamente... Não é todo peão por aí que possui meus vastos conhecimentos — Brinca Yosef enquanto mexe a massa.

— Você está se superestimando em meu conceito Yosef... meus únicos amores são... minha esposa... e o álcool... feito deste líquido azulado que... neste momento... estamos desperdiçando com cimento... — retruca Enrico, já ofegante misturando a massa.

Eu e Enrico dedicamos cinco domingos em um mero barraco, tudo graças a grande viscosidade do prodíto bruto. Mesmo após o término, continuava incrédulo por conseguir arrastar Enrico em minha preguiçosa ideia. Talvez estas horas de trabalho que o Barão dedicou em baixo do sol tenham sido apenas pela possível melhora na operação de sua fazenda, mas quando Enrico sorria e resmungava piadas, me lembrava as mesmas conversas que ele havia com meu pai.

— Sempre que ocorria uma ideia acertada na cabeça de seu velho, ele vinha a mim com uma expressão de quem havia comprado a Nova América inteira... aquele sem mãe nunca conseguiu esconder suas pretensões de mim. Sempre que o via sorrir daquele jeito me preparava para abrir mão de algum dinheiro — resmungou Enrico enquanto enrolava um cigarro — Infelizmente, a maioria das vezes nunca me arrependi. Isto ocorreu ao ponto que procurava defeitos para comentar na cerveja de domingo — diz Enrico entre tragos.

— No fim das contas, ele pensava mais sobre como tampar os buracos que a rotina deixava no horário dos trabalhadores do que o dinheiro propriamente. Apesar que, o dinheiro também o deixar sorridente durante o dia todo — responde Yosef enquanto pegava um cigarro de Enrico.

— Vamos testar este abatedouro, e caso ele seja tão útil quanto este isqueiro que praticamente não acaba Yosef, negociamos algum valor — Indaga Enrico, enquanto acende o cigarro de Yosef.

Naquele final de tarde, receosamente abatemos um erelin bem jovem para averiguar se o casebre aguentava os maiores escândalos, e milagrosamente, tudo ocorreu bem. O bônus que o Enrico me concedeu, que

se estendeu para um aumento graças as opiniões positivas dos peões, garantiu o tratamento da minha mãe na época. E sobre a moto, claro que só consegui poupar o suficiente anos depois, comprando sucata e montando o motociclo eu mesmo.

Mas para uma rainha produzir o prodíto que abastece meu isqueiro e cura minhas ressacas, não bastava apenas abafar os gritos de seus descendentes, a colmeia toda deveria estar em harmonia. Sendo as condições, água à vontade para os operários, alimentação de qualquer espécie equivalente o quanto quer produzir em prodíto, boas horas de sol, ferramentas para os operários repararem sua colmeia, alguns passatempos para os operários menores como bolas de borracha e pedaços de madeira, terra fértil para a rainha cultivar o alimento real, junto a todo o resto que um ser vivo simples precisa para viver.

São uma sociedade perfeita em constante expansão, e é nesta parte que meu trabalho se faz necessário. Se uma rainha se sente confortável como uma avó vendo a chegada de seus netos, ela deixa algumas crias para consumir a geleia real e em seguida substitui-la, assim, abdica da produção para simplesmente sair de seu ninho e cuidar do bem-estar de seus operários.

— Este é seu primeiro outono trabalhando na produção, certo Yosef?

— Sim, Donatto, Lazio me passou esta leva quase no final, apenas para pegar o ritmo. Se apresse, o que exatamente você quer me mostrar?

— Olhe ali Yosef, ali no parapeito da sacada de Enrico — diz Donatto enquanto aponta para casa de Enrico — Todos estão admirando a rainha enquanto ela fica ali sentadinha, vê? Apenas tomando um banho de sol. A secam com os olhos como se fosse uma modernete lá do porto, com roupas de banho bem reveladoras e sei lá... um tonel de cerveja preta. — Brinca Enrico com um sorriso sarcástico no rosto

— Um pouco difícil não perceber esta comoção, mal chegamos no meio do ano e o clima na casa de Enrico aparenta ser a mistura de Natal com Páscoa, fora a rainha estar do lado de fora.

— Aquela antissocial sentada ali só sai daquele barraco de cera ou sei lá o que porra é feito, quando julga ter criado um cantinho agradável pros seus sucessor. Pelo que diz o Barão, amanhã é suposto ela andar alguns metros para frente e começar uma colmeia nova.

— Lembro de alguma coisa assim no ano passado.

— Nesta fazenda, apenas o seu pai recebia bem o ano todo Yosef, graças a oficina e tudo mais. O resto de nós, recebe a maior parte do pagamento do ano amanhã, então por hoje, apenas me acompanhe Yosef, vai ser um excelente dia.

Mesmo que aparente produtivo, uma colmeia demanda muitos recursos para se produzir uma pequena quantidade de prodíto. Então, ao final de todo

outono, quando a rainha com um olhar dócil sai de seu ninho, todos os pecuários afiam suas facas para a poda da colmeia, e consequentemente, a colheita do prodíto e limpeza da carne muito apreciada dos operários mais velhos.

Claro que se meu trabalho fosse apenas ao final de cada estação, receberia equivalente a apenas uns 200 réis por mês, por isso boa parte do serviço que nos encarregam é cuidar das proles novas até a sua maturidade. Mas, ao contrário de vacas e carneiros, erelins são tão espertos quanto crianças, e os mais novos então... se assemelham ainda mais. Ameaçando sua própria vida a cada nova oportunidade que sua curiosidade aponta.

Em um alveário selvagem, este trabalho seria de alguns operários mais velhos, que exclusivamente cuidariam dos recém-chegados. Porém como os matamos sempre que tentam aumentar a colmeia, este serviço acaba sobrando para nós.

— Você mima demais os seus cinzinhas Yosef, daqui a pouco vai estar dando nomes e chupetas – brinca Lazio enquanto enche o cocho de comida.

— Por isto que eu sempre ganho mais na balança ao final do mês, Lazio. — Responde Yosef com dificuldade enquanto vira um saco de soja no concho.

— A esposa do Senhor Enrico disse que te viu com um deles no colo, a sua dona Santis já sabe que é avó?

— Só não os amamento por não ter sido agraciado com seios maiores, Lazio. Comente isto na próxima reunião do chá — responde Yosef com um leve sorriso.

— O Humor esquisito da sua mãe também está no seu sangue Yosef — retruca Lazio as risadas.

Todo domingo, que por coincidência também é o descanso dado pela rainha a nossos operários, ao termino dos meus afazeres, reunia os meus mais novos e jogava por alguns instantes com eles. Claro que isto possui um fundamento, operários que crescem alegres produzem mais prodíto em seu sangue, consequentemente deixando minha folha de pagamento mais alegre também.

Minha vó, a qual convivi muito pouco, contava que os erelins originaram dos seres humanos da grande guerra. Séculos em terras inférteis regressou sua natureza para algo mais simples, hoje os criando vejo as semelhanças. Os meus mais jovens batem à minha porta de manhã para me saudar, se deitam comigo depois do almoço como velhos amigos, e de vez em quando, me presentiam com coisas que pensam ser interessantes.

Uma vez, um dos mais promissores me presenteou com um pedaço da geleia real cultivada no centro da colmeia, fazem isto com a autorização da rainha para mostrar grande apreço. Esta já não era a primeira surpresa, desde

que recebi um calção roubado de algum varal alheio. Não deixei a oportunidade escapar, e por de baixo do nariz de Enrico, transformei este gomo no início de um belo motor dois tempos para a minha motocicleta.

Mas estas semelhanças ficam apenas nestes pequenos gestos. Estes macacos pálidos de baixa estatura capazes de viver do sol, são tão estranhos quanto os monstros dos meus pesadelos infantis, contraditória a sua natureza dócil. Criadores de erelins, assim como pessoas que trabalham com touros e enormes bodes, têm de agradecer pela escolha dos animais em permanecer submissos.

Já com a rainha, não sinto o mesmo sentimento de proximidade. Me compadeço da sua dor de perda e compartilho a mesma vontade de viver uma vida bem vivida, mas sua mente é muito distante do modo-operante humano. Não consigo conceber um ser que escolhe o destino de toda a sua linhagem, desde função no trabalho até o direito de viver ou se enterrar na terra para virar alimento.

Embora assustador, admito que também há algo espiritual nesta linha de pensamento. Será o nosso livre-arbítrio apenas uma sensação ocasionada pelo tempo? Seja qual for a resposta, erelins estão mais próximos dela do que nós.

— Mãe, ao sair de manhã, não faça nenhum escândalo. Deixei um erelin acamado no quintal próximo à entrada — diz Yosef de maneira mais contida.

— Como assim Yosef?! Leve-o para a colmeia, você é pago para isto! — retruca Paola irritada.

— Este é um caso especial mãe, já que é a segunda vez que ele dorme em nosso quintal... Não posso simplesmente o deixar assim.

— E como que eu não o ouvi de noite?

— O seu sono não anda tão leve quanto antes, aquele carinha está dormindo dentro da fundação da casa desde terça. Fiz um ninho de palha na varanda, para ao menos não o deixar dormir no relento.

— Certeza que não é perigoso esse daí dormir fora da colmeia, Yosef? Se a produção sumir será descontado da nossa casa, Yosef — pergunta Paola com um semblante preocupado.

— Não faço ideia — responde Yosef com um breve riso — mas não é a primeira noite que ele dorme fora, provavelmente está tudo bem.

— Ao menos teremos mais companhia por aqui — diz Paola enquanto abria a porta para olhar a criatura — este não é o que roubou as roupas de baixo da senhora Pagano e deixou aqui na porta igual uma oferenda?

— Sim — murmura Yosef rindo constrangidamente — este é um dos promissores.

Este erelin mais jovem acabou se tornando parte de nossas manhãs e arrancando as hortaliças de minha mãe para fora da terra. Estranhamente este

era o primeiro contato dela com a produção apesar da idade, justifica que sempre foi dona de casa e não gostar de animais, mas aparentemente a companhia não a desagradou desta vez, e sempre que podia, perguntava uma coisa ou outra sobre o pequeno. Optei por manter seus bons pensamentos sobre o assunto durante seu mal-estar, então não falei mais a respeito de abates dentro de casa.

Minha vida se manteve nesta inércia por mais alguns meses, e sendo sincero, sinto falta desta simplicidade, de como as coisas funcionavam. O pão servia apenas para o agora e os momentos com os mesmos rostos de sempre aqueciam meu coração, apesar de perceber isto muito tempo depois. Cada pequena novidade era motivo para uma atenção especial.

Observando minha vida pacata, talvez minha mãe quisesse mais para mim ou foi apenas o meu jeito de interpretar. Meus pais vieram para esta terra onde sempre garoa para serem o melhor que podiam ser, não sei se fui condicionado durante minha criação para seguir seus passos ou se simplesmente é a consequência do jeito carinhoso que lembro de meu pai. Seja lá o que for, minha mãe entendeu antes de mim, e pela última vez, me orientou como a criança que nunca deixei de ser.

— Mãe, terminei de fazer o jantar, pode vir se servir — anuncia Yosef enquanto se senta à mesa.

— Estou com o estômago embrulhado filho, daqui a pouco levanto e pego um pouco para mim. — Responde Mãe de Yosef enquanto se enrola em seu cobertor.

— Justamente por isto que você tem que comer mãe — Fala Yosef um pouco exaltado enquanto monta mais um prato — Você não pode ficar todo este tempo sem nada no estômago.

— Está certo Yosef, vou comer sim, filho. Mas ao menos deixe nosso menino entrar para me fazer companhia — Diz Paola, enquanto Yosef coloca o prato de comida em seu colo.

— Não estamos negociando mãe, apenas coma para não passar mal. O erelin deve estar cheio de carrapichos.

— Claro que sim... — Responde enquanto brinca vagarosamente com o garfo — Mas ao menos o deixe na varanda desta vez, para fugir desta chuva.

Silenciosamente Yosef caminha até a entrada e abre a porta, deixando o erelin entrar. Caminhando alegremente, o erelin sobe na cama junto a Paola e solta alguns grunhidos alegres.

— Está com fome garoto? — Pergunta Paola, agora um pouco mais enérgica — Pode pegar um pouquinho.

Entre grunhidos alegres, o erelin pega cuidadosamente o pedaço de carne seca da mão de Paola e come rapidamente.

— Você sabe que eles não precisam comer para sobreviver, não é mãe? Eu fiz esta comida para você, não desperdice ela assim...

— Ele fica mais esperto quando come, gosto dele assim, vê? Ele gosta da sua comida também.

Na época não conseguia discordar de minha mãe. Era menos custoso para minha mente apenas deixar ela mimar aquele erelin em silêncio.

— Filho, senta aqui um pouquinho comigo — Pede Paola, enquanto sinaliza a cama com a mão.

— O que você quer mãe? — Pergunta Yosef enquanto senta.

Enquanto Yosef está sentado, Paola começa a passar a mão em suas costas.

— Não posso querer a companhia de meu filho? Eu recordo com felicidade o dia em que você nasceu Yosef, você trouxe tanta alegria aqui pra casa.

— Só não dava pra saber tamanho do problema na época — Diz Yosef com um leve sorriso. — O que você quer falar para mim?

— Claro que não filho, ver você este homem formado me traz um alívio para o coração. Sinto muito orgulho, ver assim o fruto do amor de seu pai e eu — Conta Paola, enquanto acaricia os cabelos de Yosef — Eu adoro ver você sorrindo, é a mesma boca de seu pai.

Yosef agora menos inquieto, arruma sua postura na cama constrangidamente.

— Quando você sorri assim me faz esquecer de tudo, e me leva de volta até a época que você era deste tamanho — Conta Paola enquanto acariciava o erelin — Quando amanhecia esses dias bonitos que tem aqui, levantava ouvindo você espernear... coitadinho, o Sol mal tinha nascido e você já estava com fome.

— Desde cedo te dei trabalho, eu entendi mãe. Mas agora os papéis inverteram, apesar de você não gostar muito da comida.

— Você nunca gostou da minha comida também Yosef. Sei que se preocupa comigo, mas quero ver você feliz. Quando seu pai e eu viemos pra cá, esta fazenda era o melhor lugar para te criar, e foi o meu lar junto a seu pai. Mas agora que está crescendo, gostaria de saber o que você quer fazer, filho.

— Não tenho grandes ambições mãe, uma boa cama e viver sem dívidas me parece o suficiente. Para início de conversa apenas tome o seu remédio.

— Não falo sobre isto filho — Diz Paola enquanto ri suavemente — Um dia você vai querer sua casa, sua mulher, seus filhos, suas coisas e você vai pensar em algum modo de conseguir tudo isso... Sei que não pensa muito

sobre agora, mas quando o dia de você decidir chegar, não quero que eu nem esta fazenda seja um fardo para voce. Vou ser a mãe mais feliz do mundo, e onde quer que você esteja, vou rezar por você.

— Por enquanto minha vida está aqui mãe, nesta casa e com você. E imagina só casar — Yosef ri brevemente — Passar os dias aqui não está sendo de todo mal na verdade... Não vamos falar muito mais disto, mãe. Apenas dê o que sobrou para o pequeno e me entregue o prato. — Encerra Yosef enquanto se levanta.

Paola em seguida também se levanta vagorosamente e raspa o restante da comida em uma tigela no canto da casa, enquanto o erelin espera em frente balançando-se e soltando curtos grunhidos de ansiedade.

— Faz tanto tempo que não vejo você ir a oficina, Yosef...

— Faz mesmo mãe...

No dia seguinte, gastei um pouco dos favores que o Barão Enrico me devia e peguei de seu armazém alguma “pedaçeira” de ferro para bolar alguma coisa. Sentei na antiga cadeira de meu pai dentro da oficina da fazenda e fiquei por algum tempo, apenas encarando a velharia dali, procurando ideias. Pela primeira vez, senti minha vida escorrer por minhas mãos a troco de nada.

Nesta sensação de inquietude, pensei, “por que não lâmpadas?”, aparentemente não era tão complexo e por algum motivo nunca foi do interesse do meu pai. Claro que depois de trinta segundos elaborando me peguei pensando em um gerador feito daquela brincadeira com a geleia real que tinha guardado e nas peças que teria de importar da Velha América, fora o trabalho com o vácuo nas lâmpadas e retifica. Neste momento de muitas emoções e ansiedade, terminei empolgado como não me sentia desde a infância.

Antes de terminar aquele mesmo anoitecer, fui a casa de Lazio em trapos de dormir, pedir que, na próxima de suas idas ao porto, encomendasse para mim rolamentos e esses tipos de peça móvel que seriam os maiores desafios. Em apenas algumas semanas de espera, pude começar a justificar as vantagens que contava para minha mãe. Assusta-la com os pequenos palitos de ferro e a novidade na fazenda que era a energia começou a fazer parte do meu dia-a-dia.

— Moleque maldito! Se isso der um choque em mim eu juro... juro por Deus e por todos esses demônios pagãos que os moderninhos louvam no centro, que eu jogo isso no meio do mato!

— Calma mãe! — Argumenta Yosef aos gargalhos — Isso aqui é só uma peça de ferro, não dá choque nenhum, vê? — Yosef ri enquanto encosta a peça de metal em seu braço.

— Eu não tenho mais idade pra isso Yosef! Mexe com essas coisas perigosas lá galpão! — Pede Paola com a mão no coração.

— Claro que sim mãe, estou indo para lá agora. Te amo — Responde Yosef já abrindo a porta e calçando as botas.

— Não fique lá até muito tarde.

— Ok, estarei de volta antes da senhora dormir.

Infelizmente minha mãe não viveu o suficiente para ver seu quarto iluminado, mas como havia prometido a ela, assim o fiz. Após refazer boa parte do teto para embutir a fiação, bolar um gerador com trabalho suficiente para compensar o combustível, construí-lo e mexer com aquele sensível filamento de tungstênio, a primeira lâmpada acesa da fazenda estava no quarto de minha mãe. Apesar do sentimento de conquista, lembro de olhar em volta e me sentir sozinho.

Não demorou sequer uma noite para notarem uma luz diferente vinda da minha casa. No dia seguinte estava Barão Enrico, Donatto dos Villalonga e o Lorenzo dos Giordano bem cedo em minha porta, de cabelos penteados com gel esperando sair a princesa do novo mundo ou algo parecido. Pelo semblante deles era obvio que conseguiria um bom valor, mas estava mais animado com o tamanho do deste próximo projeto e ser recepcionado com bons sorrisos do que com o pagamento em si.

A ideia inicial era conectar todos ao meu gerador, mas nas primeiras palavras entre as famílias senti o impasse a respeito do gasto de combustível. Pensando sobre conflitos e a capacidade de fornecimento do gerador, decidi elaborar um para cada família e um para o centro da fazenda, todos com geleia real fornecida de bom grado por Enrico. O trabalho foi tanto que os Paganos cuidaram da minha parte do gado sem descontar de minha folha. Ser pago para ficar o dia inteiro na oficina foi uma das épocas mais fáceis da minha vida.

— Yosef? Posso entrar?

— Estou aqui, pode entrar Enrico — Avisa Yosef em um tom mais alto.

— Vim entender um pouco desse seu trabalho, Yosef. Se um dia der de voce sumir, todos os geradores vão ganhar uma data de validade. — Comenta Enrico enquanto bate suas botas na entrada.

— Fique à vontade, ali Enrico — Aponta Yosef para traz sem desviar a atenção do trabalho — puxe aquele banco e sente-se aqui na bancada.

— É incrível como este barraco, em sua existência inteira, nunca teve a oportunidade de se sentir organizado — Diz Enrico tirando caixas de cima do banco — E este ajudante especial aqui?

— Esta é a tradição da família Santis. Se fosse organizado não seria nosso — Brinca Yosef com um leve sorriso no rosto — E este rapaz não gosta de dormir na colmeia, então onde eu fico faço uma cama para ele.

— O barraco realmente não é de vocês, apesar de se apossarem. Comece a me explicar por aqui Yosef, o que esses fios fazem? — Pergunta Enrico encostando em um par de fios.

— Calma Enrico — Adverte Yosef espantado enquanto segura a mão de Enrico — se você encostar nos contatos agora vai fechar curto.

— Desculpe Yosef, não sou disso igual você e seu pai.

— Sem problemas — Responde Yosef aliviado — respondendo a sua pergunta, esta é a saída do transformador, quando o seu gerador estiver funcionando ou plugado a uma bateria igual esta — Explica Yosef dando uns tapinhas na bateria — vai conduzir energia para dentro de sua casa.

— Você não está cobrando barato de mais nesse seu serviço Yosef? Lazio me falou do custo das peças, das baterias e o resto. Não difere muito do que eu e os outros pagamos a você.

— Era sobre isto que você queria conversar então... Podia ter falado comigo amanhã em sua casa ao invés de vir aqui de noite, apesar de eu gostar de alguma companhia por aqui de vez em quando.

— Yosef, só voce e somente você sabe fazer este trabalho por aqui na Nossa Senhora dos Enforcados, não tenha medo de cobrar por um serviço desses só por sermos conhecidos.

— Vou cobrar pelas manutenções futuramente Enrico, não se preocupe com o quanto eu ganho. Fora que estou recebendo pelo gado que nem estou cuidando para mexer nas minhas bugangas.

— Seu pai deve estar se revirando de inveja no túmulo agora — Concorda Enrico enquanto ri sutilmente. — Vou me retirar Yosef, isso de eletricidade não é para mim. Boa noite.

Enrico se levanta, guarda o banco onde o encontrou e empilha as caixas em cima de novo.

— Se cuida Enrico, amanhã vou mexer no seu teto, então lembra de esvaziar a sala inteira para mim. — Responde Yosef sem desviar a atenção de sua mesa

— Claro que vai... minha esposa vai engolir a sua alma amanhã — diz Enrico enquanto disfarçadamente coloca um maço de notas em cima das caixas — até amanhã.

Demorou quatro meses e meio para entregar o serviço, mas quando havia acabado, a fazenda parecia um pouco mais alegre. Agora aos fins de tarde, o rápido esmaecer do sol foi tomado por um domo de luz que abrigava reuniões e crianças correndo no centro da fazenda. O sentimento era de esticar o dia de todos em três horas com apenas um pouco de esforço.

E sobre as casas, acabou saindo mais barato e acessível para manutenções futuras trocar aqueles tetos de madeira, e no caso dos Villalonga,

palha, por vigas e telhas de barro. Alvenaria nunca foi o meu forte, mas graças aos próprios Villalonga que foram os maiores interessados, conseguimos moldar as telhas e aprimorar as 8 casas da vila, incluindo galpões e minha oficina.

Como o trabalho com os geradores havia acabado, voltei a trabalhar com os erelins de novo. Sentia o trabalho cansativo e repetitivo como nunca, como é fácil se acostumar com as coisas boas. Por outro lado, sentia saudade de mexer com os erelins, apesar de não gostar de admitir, desde a infância nunca deixou de ser agradável brincar com eles, ver a sua estranheza de perto sempre foi uma boa maneira de passar o tempo.

Agora com o centro da fazenda iluminado resolvi prolongar mais a rotina com os não mais tão pequenos e conhecer mais sobre o comportamento noturno deles. Neste primeiro toque de recolher da rainha sem uma fração de sua prole, senti inquietude em seu olhar vindo da entrada, mas tudo ocorreu bem e os deixei no ninho por volta da meia noite. Como esperado eles ficam muito mais letárgicos na escuridão da noite igual era na porta de casa, todos se prostaram perto das lâmpadas e praticamente desligaram suas mentes. No final das contas realmente tem alguma coisa de planta dentro deles.

Me acostumei de novo com a antiga rotina e as coisas começaram a ficar lentas de novo. Quando chegava em casa sentia uma sensação de solidão implacável ao ver todos os cômodos vazios, então, para amenizar esta sensação, toda noite bebia um pouco de vinho de prodítio e ia me deitar no sofá. Para deixar a vida dentro de casa suportável novamente, tranquei todos os cômodos que não fosse o banheiro e passei a dormir de vez na sala com a porta principal aberta, para que o pequeno curioso não batesse à porta para entrar, minha mãe me mataria se não fosse assim.

Durante o meu almoço de um sábado qualquer, sentei-me em um tronco frente a colmeia e fiquei mexendo no meu isqueiro, após alguns minutos a rainha saiu lentamente de sua toca e se sentou ao meu lado. Nunca havia visto ela tão de perto, era como um dos operários com o dobro de minha altura e um crânio alongado e à primeira vista cega, mas apesar de sua aparência, me mantive sentado e fiquei observando de perto o quão humano ela podia ser. Ficamos ali sentados naquela tarde de céu aberto, vendo os erelins brincarem até o entardecer.

— Eu ainda não acredito que ela sentou do seu lado Yosef, isso nunca tinha acontecido antes na produção. Normalmente ela é bem mais receosa com todo mundo.

— Pra falar a verdade, ela parecia bem tranquila, Donatto. Nem parece que se passou três anos desde que estes erelins nasceram.

— Isto é verdade... e continuamos solteiros e duros — Brinca Donatto enquanto ri — Quando terminarmos de enviar a carne vamos para a cidade comemorar o pagamento no Vinti, você vem com a gente Yosef? O resto do pessoal também vai.

— Claro, vai ser bom sair um pouco dessa fazenda pra variar.

— Qual foi a média de peso dos seus Yosef? Estou ansioso para pesar eles drenados depois.

— A média dos meus, vivos, deu 46 quilos e o maior deu 54.

— Puta merda Yosef, hoje a bebida é por sua conta. — Vira Donatto espantado — Com isso daí você vai virar socio do Enrico.

— A diferença não é tanto pro seu Donatto, fora que você tem uma turma maior que a minha, o Lazio me deu só 12 nessa leva. Com esse dinheiro não consigo nem levantar quatro paredes, imagina pagar bebida para 8 fazendeiros bêbados?

— Bom, dinheiro é dinheiro, de qualquer jeito o nosso pagamento vai ser mais gordo que no ano passado. Eu sou o próximo na fila do uso do abatedouro, então vou indo Yosef. Antes da gente sair passo na sua casa pra te chamar.

— Não sei como acabei em último no abatedouro que eu mesmo construí... Boa sorte com a segunda pesagem Donatto, pelo que vi as suas outras duas turmas estão tão grandes quanto esta.

— Quero mudar de vida Yosef, não é todo mundo que saca ideias como saca rolhas de garrafas igual você, então tenho que me esforçar aqui na produção.

— Se qualquer dia quiser aprender a ler é só passar no galpão depois do turno, Donatto. É possível para qualquer um.

— Nah — Resmungando Donatto sorrindo levemente — Isto é para o meu futuro filho, Yosef, galinha dura não põe mais ovo. — Responde enquanto toca seus erelins para o caminho.

Neste dia estava um pouco atordoado em meus afazeres, talvez por ficar sozinho durante tanto tempo ou simplesmente não ter comido bem no almoço, seja qual for o motivo, decidi fazer todo este processo a no método antigo para não ter de esperar na fila. Peguei a minha leva madura e uma carroça naquele dia fechado, e subi a montanha que trabalhei tanto para evitar a alguns anos atras. Depois de tanto tempo sem subir a colina, esqueci o quão agradável era a paisagem ali.

Chegando no antigo barraco, era visível que todos os erelins sabiam o que aconteceria, mas diferente de todas as outras levadas que tive, nenhum deles precisou ser amarrado ou contido. Enquanto todos permaneciam sentados com olhares vidrados, conduzia um por um para dentro do barraco e os executava. Não sei se no lugar deles estaria tão conformado perante a um destino tão patético.

Com minha faca previamente afiada e um martelo pesado, usei a técnica que meu pai havia me ensinado quando entrei na adolescência. Colocando a

faca entre seus olhos na parte mais macia, bastava uma martelada com as mãos firmes para evitar gritos e maiores bagunças. Após o ecoar de cada martelada, sentia uma agitação vinda do lado de fora, mas sempre que saía para averiguar, todos estavam sentados e quietos. Apesar de toda a coragem, ainda eram filhos de Deus.

Conforme pendurava os menores, a expressão de horror ia ficando cada vez mais estampada nos restantes, até chegar no maior, o mais promissor daquela leva. Ele ainda mais atípico que os outros, caminhou sozinho até o barraco e se sentou no meio do assoalho, nunca havia presenciado tamanha coragem. Neste momento, saí um pouco do automático e fiquei ali, admirando a franqueza daquele erelin perante a vida. Como pode, um ser incapaz de compreender a escrita ter uma visão tão complexa e completa de suas relações e de seu lugar no mundo? Me pergunto, se este não era o plano da rainha no fim das contas.

Passados alguns segundos, tomei as rédeas da situação novamente, apesar de sua coragem, havia um trabalho a ser feito. Quando peguei o martelo e a faca de punho, no mesmo instante os olhos daquele erelin se encheram de lágrimas olhando no meio da bola de meu olho. Aparentava argumentar comigo, sobre lembranças nossas e sentimentos que construiu, argumentava entre expressões claras de uma estranha felicidade e um medo genuíno, mesmo que usando apenas grunhidos.

Com a faca entre seus olhos, tudo ficou calmo... entendi que naquele momento o erelin havia encontrado paz em seu coração, então, me despedi em bons pensamentos e acabei com o seu sofrimento.

— Adeus, meu Velho amigo...

Mesmo que eu estivesse endurecido após passar por este processo todo meio de ano com uma de minhas turmas, desta vez o mundo havia ficado mais cinza. A vida era assim tão efêmera a ponto de valer alguns trocados? Teria eu, tomado uma decisão por conta própria ou esta sensação dentro de mim seria uma peça pregada por algo maior?

Ao baixar do calor no sangue, encerrei este malabarismo mental e assumi a responsabilidade. Os nossos atos são responsabilidade nossa até as últimas consequências, e será assim tão somente se provar o contrário, com raios e clarões divinos descendo do céu. Um pecuário que lida com erelins tem de saber que sentimentos neles depositados são tão efêmeros quanto água e sol.

Agora, mais que incomodado em ser obrigado a cultivar sentimentos pelos operários em prol da qualidade do produto final, conforta minha alma pensar que não mudaria nada se o tivesse deixado vivo, afinal, ele ainda era propriedade de uma fazenda de prodítio. Mas como a vida é uma só, me resta apenas viver com a dúvida que escolhi.

Esperei o sangue ser drenado e coloquei os corpos na carroça junto aos baldes de prodítio pobre. A caminhada de volta foi muito mais longa, e apesar de estar carregando quase 600 quilos em produtos na carroça, os meus pensamentos me negaram a sensação de peso. Ao avistar o domo de luz na fazenda em meio aquela tarde nublada, as luzes estavam tão turvas quanto o céu.

Chegando em casa os limpei assim como era combinado, retirei suas vísceras, esfolei e os dividi em tipos de carne e partes que poderiam ser plantadas. Esta parte do processo de longe é a mais trabalhosa, mas em respeito a eles, o fiz de maneira que não desperdiçasse uma gota de sangue sequer. Era o mínimo que eu podia fazer em retribuição aos seus melhores momentos.

— Nunca vi um coxão duro tão grande assim Yosef, quanto este aqui pesava? — Diz Enrico impressionado enquanto segura a peça de carne.

— Este daí pesava 54 acho... — Diz Yosef enquanto pega um cigarro — Dá pra ver pela cor roxa bem forte que é carne de primeira.

— Você atrasou a entrega em quase duas horas Yosef, por que os executou lá em cima? — Pergunta Enrico mais exaltado — Você seria a última pessoa que eu esperaria ver querer subir aquela montanha Yosef, aconteceu alguma coisa?

— Eu apenas queria distrair a mente um pouco, Enrico — Responde Yosef entre tragos — Sinto muito por ter atrasado a fazenda, todos devem estar ansiosos para receber.

— Apenas eu estou ansioso para receber Yosef — Enrico ri brevemente — Todos vocês recebem adiantado como de costume. Graças a Deus o preço do prodítio só sobe e ainda dá tempo de chegar na cidade... apenas me passe um cigarro e vamos comemorar este dia.

— Claro Enrico — Yosef pega um cigarro da cartela e acende com o seu próprio — quanto você vai me acertar por estes 414 quilos mais o resto?

— Pela arroba como está, vai dar por volta de vinte e quatro mil réis, mas tem algumas taxas e custos de produção fora a minha parte. Vamos acertar em dez mil reis?

— Olha a cor dessa carne Enrico, você sabe que quando chegar no mercado municipal vai vender muito mais caro que o arroba. Vamos fechar em treze mil e o resto do lucro é todo seu.

Após algumas risadas, Enrico traga seu cigarro de palha e diz.

— Claro que sim Yosef, você cresceu bastante desde quando eu te vi pela primeira vez. Conheço o começo desta longa conversa, então não vou insistir, vamos fechar em treze.

— Claro que sim — Repete Yosef com um leve sorriso — Boa comemoração para você Enrico, manda um abraço para o pessoal lá no Vinti.

— Você não vem Yosef? Vamos de charrete, chegamos lá em meia hora.

— Estou tranquilo Enrico, vou ficar aqui um pouco e relaxar da caminhada

— As ordens Yosef, o que você falar tá falado. Até amanhã, em uma semana o Lazio vai te passar a nova turma, provavelmente maior que esta graças ao tamanho daquele bezerrão.

— Até, Enrico, depois acertamos tudo melhor...

Agora, por bem ou por mal, sem pendências, após todas as experiências, alegrias e tristezas que passei nesta fazenda, optei por não ficar. A vida aqui é boa, as tardes são quentes, as chuvas são constantes e será eternamente o lar de meu pai com a minha mãe, e mesmo assim, apesar de apertar o meu coração ao dizer isto, não consigo ser feliz aqui. Se for para construir uma vida igual à que minha mãe me falou, não poderia ser aqui.

Passei os dias seguintes adaptando o gerador da casa de meus pais dentro de um chassi de moto improvisado, e enquanto o resto das peças da motocicleta que pedi para Lazio não haviam chegado, me despedia da fazenda lentamente. Expliquei a todos o máximo que pude sobre os aparatos que deixei e recomendei um conhecido meu da cidade, que também é entusiasta do prodígio, apesar de, humildemente, ser menos habilidoso. Fico feliz em deixar alguma marca neste lugar.

— Você tem certeza Yosef? Ainda tenho uma turma pra você, ou caso queira, apenas fique aqui, inventando suas coisas e tudo mais, tenho certeza que viverá tão bem quanto.

— Estou decidido Enrico, mas passo aqui para visitar de vez em quando. Ainda tenho uma casa inteira aqui, lembra?

— Esqueça esse daí Enrico, ele ir embora é um risco a menos de incêndio — Brinca Lazio, um pouco angustiado.

— Assim como sua mãe cuidou de mim quando precisei, vou cuidar da casa para você, caso um dia precise voltar Yosef. Você é muito querido aqui, filho — Exprime Simone Pagano, chorosa.

— Sim amor, vamos estar aqui qualquer coisa, voce é praticamente da família Yosef — Continua Enrico.

— Vou sentir saudade de vocês, vou vir aqui visita-los com certeza.

— Não vai falar nada Donatto? — Brinca Lazio.

— Me mande algumas cartas sobre o que você ver por aí, fora campos erelins e merda de bicho. Prometo tentar te responder Yosef. — Bedelha Donatto aos risos.

— Escrevo sim Donatto... Nos vemos em breve pessoal — Yosef acena e sobe em sua moto.

Pela primeira vez em minha vida, não tinha perspectiva sobre o futuro, mas nunca havia sentido tamanha liberdade. Antes de sair daquelas terras visitei o túmulo de meus pais, fazia anos que não via meu velho. E como forma de homenagem aquele erelin corajoso, plantei um fragmento de sua bacia na terra do túmulo de minha mãe. A flor roxa que brota de sua estrutura quando enterrada é muito cobiçada pelo óleo de prodítio extraído dela, mas duvido que roubem uma no alto de um morro esquecido. Espero que os três tenham se encontrado onde quer que estejam.

Capítulo II

Saindo dos campos em direção a baixada, a ideia mais racional neste momento era seguir para o porto em busca de oportunidades.